

LITERATURA E CINEMA: POSSIBILIDADES DE LEITURA EM SALA DE AULA.

ALEXSSANDRO RIBEIRO MOURA (UFG), ELISANDRA FILETTI (UFG).

Resumo

Este estudo consiste numa reflexão sobre as possibilidades de leitura literária em sala de aula. Seguindo as orientações de ensino dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que preconizam o estudo de Língua Portuguesa através da abordagem dos gêneros discursivos correntes na sociedade, a proposta de uma perspectiva interdisciplinar é um caminho importante para a formação do jovem leitor no ambiente acadêmico. As adaptações cinematográficas de obras literárias representam um importante meio de trabalhar a literatura na escola, pois propiciam um diálogo entre diferentes formas de manifestação artística, o que torna a atividade de leitura literária mais produtiva. Em suma, o objetivo dessa análise é refletir sobre as experiências de leitura literária em sala de aula com o suporte de adaptações cinematográficas. Uma das investigações realizadas procura perceber como os alunos do Ensino Fundamental do Cepae/UFG compreendem as linguagens literária e cinematográfica da obra *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, especialmente no que se refere ao conceito de adaptação, uma vez que a escola básica tem se constituído como espaço de valorização do clássico literário. Esse entrecruzamento discursivo propicia a ampliação do horizonte que determina o trabalho com a literatura e o cinema em sala de aula. O livro *Medéia*, de Eurípedes, e a adaptação cinematográfica homônima, de Pier Paolo Pasolini, completam a lista de obras artísticas analisadas na investigação aqui proposta. As possíveis atividades resultantes dessa abordagem constituirão o corpus de nosso estudo.

Palavras-chave:

Literatura, Cinema, Leitura.

Introdução

• 1.0 Literatura e formação de leitor

Muito tem se falado sobre a busca por novas estratégias de formação de leitores, com o advento de novas práticas tecnológicas e o uso constante do computador por parte dos jovens de nossa época. A literatura, vista como representação artística pelos leitores críticos, necessita de um trabalho de criação do hábito da leitura e cultivo da concentração nos leitores incipientes. Para que a palavra *literatura* não saia da condição de manifestação artística de grande sensibilidade e manejo cuidadoso com o discurso escrito, e se torne uma disciplina acadêmica enfadonha e cansativa para os adolescentes, são propostos verdadeiros malabarismos docentes.

O ensino de língua portuguesa proposto pelos PCNs (2002), com a perspectiva de observação e reflexão sobre os gêneros discursivos correntes na sociedade, incorpora nos estudos de linguagem os conteúdos de literatura. Com isso, além de reforçar a tendência contemporânea de ensino interdisciplinar, abre espaço para que produções literárias sejam vistas de forma mais próxima ao aluno e com a possibilidade de diálogos com vários outros campos do conhecimento. A leitura literária passou a ser vista como um lugar em que o leitor participa da criação de sentidos com sua leitura, e não apenas o velho pragmatismo que procurava destacar dogmas e regras de composição de diferentes épocas e escritores.

É natural que o perfil de leitores do século XXI se configure diferente daquele observado em outros momentos do Brasil. O que parece ser um contra-senso, ou seja, na era da informação, os jovens supostamente não se interessam pela literatura. Na verdade se trata simplesmente de uma maneira diferente de enxergar as artes em geral (entre elas a literatura) e de se relacionar com elas - algo bastante perceptível nos jovens leitores. Se há informação em abundância para o jovem, é coerente que ele questione aquilo que consome e a validade dos vários discursos com os quais ele se defronta.

A leitura dos jovens brasileiros é feita inicialmente na tentativa de encontrar uma identificação entre leitor e temas trabalhados. Por isso há certa resistência no primeiro contato com livros de épocas e contextos muito distantes dos nossos. No Ensino Fundamental, há uma prática que mescla livros que abordam temas infanto-juvenis e a preparação gradativa para a inclusão do cânone como bagagem do aluno-leitor. O Ensino Médio transforma a iniciação da leitura clássica em exercício contumaz, mas sem deixar de lado a apreciação e reflexão sobre manifestações que também são literárias, e que não pertencem ao cânone. Em suma, a apresentação da literatura para o aluno deve ser feita sempre com vistas ao debate com outros campos discursivos que coordenam as relações institucionais dentro da sociedade.

Assim, o olhar estético deve ser cultivado pela escola, pois muitos alunos não têm acesso a artes como a literatura e o cinema. Para Chartier (1996, p. 240), a competência de leitura, em seu sentido amplo, requer "(...) a aprendizagem da decifração e do saber ler em seu nível elementar e, de outro lado, esta outra coisa de que falamos, a capacidade que uma leitura mais hábil que pode se apropriar de diferentes textos". Isso significa que ensinar língua portuguesa na escola básica é promover a integração de práticas de leitura e escrita como práticas sociais mais amplas (Bakhtin, 1993; 2000).

1.1 Cinema como possibilidade de diálogo com a literatura

Quando pensamos no significado da palavra *leitor*, é difícil sintetizarmos o conceito, haja vista que usamos a palavra *leitura* para diferentes formas de ação e reflexão humanas, muitas vezes ligadas a situações e efeitos de sentido completamente distintos. Se pensarmos a leitura como uma prática de interação social e aquisição de conhecimento, veremos que não é somente a escola o agente principal na formação de leitores e desenvolvimento das potencialidades dos indivíduos. O letramento escolar é fundamental na medida em que é basilar e complementar a futuros movimentos de leitura feitos pelo aluno em seu dia a dia.

É importante notarmos que o papel da escola como pilar da formação de leitores não se restringe ao ensino de uma leitura mecânica, isto é, a capacidade de reproduzir enunciados. O trabalho significativo da escola está principalmente na possibilidade de tornar o leitor capaz de questionar, assumir seu papel de ser que entende e interage com as ideias que lhe são apresentadas.

O estudo das diversas formas de manifestação artística sempre foi importante ao longo da evolução histórica de todos os povos, por vários motivos. Seja pelo fato de encontrarmos muitas vezes a representação da realidade ou o desejo de mudá-la, seja pelo prazer da fruição estética e deleite provocado pelo contato com obras de diferentes perspectivas. A verdade é que os artistas dos diferentes campos existentes - desde os mais antigos aos mais recentes - encontram nas sociedades contemporâneas um campo fértil de divulgação (MOURA, 2007).

A literatura é uma forma clássica de representação artística que ganha novos formatos e resgata outros ao longo de sua história. Nesse movimento de renovar-se e reinventar-se, os estudos literários muitas vezes voltam sua atenção para a relação que a literatura pode estabelecer com outras artes, como no caso do cinema.

• 2.0 O cinema como representação da modernidade

O cinema é um gênero discursivo que, devido à sua condição de "recém-chegado", seu surgimento oficial nos remete a pouco mais de um século, tendo que percorrer um longo caminho até atingir o "status" de Arte (MERTEN, 2005). A respeito do cinema como arte e sobre seu papel como elemento fundamental na formação educacional de um indivíduo, o teórico Ismail Xavier, em entrevista à revista *Cinema e Educação* (2008, p.15) argumenta:

De um lado, o cinema incorpora aquela dimensão formadora própria às várias formas de arte que cumprem um papel decisivo de educação (informal e cotidiana); de outro, ele pode se inscrever de forma mais sistemática no processo educativo, com interação direta com a fala do professor, seja pela produção daquela modalidade especial a que se deu o nome de "filme educativo". [...] Para mim, o cinema que "educa" é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é "passar conteúdos", mas provocar a reflexão, questionar o que, sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável.

Tornar sensível o olhar do leitor, levando-o a pensar, é um dos desafios da escola, seja para as leituras literárias, cinematográficas ou para o entendimento dos progressos científicos. Diante de tantos estímulos visuais aos quais estamos sujeitos, como os presentes na *web*, na televisão ou nos anúncios, que encontramos pela cidade, é necessário que o indivíduo aprenda a discernir a função desse aglomerado de imagens e possa se posicionar diante dos discursos que eles veiculam explicita ou implicitamente.

Enquanto o leitor aprecia uma obra, toma consciência de uma idéia que subjaz à sua organização temática e estrutural. Eisenstein (2002, p.165), um dos mais renomados diretores de cinema, define a importância da sétima arte como a síntese fundamental de todas as artes:

[...] com o advento do cinema, o fluxo melodioso e rítmico da música adquiriu novas potencialidades de imagem-visual, palpável, concreta. [...] Apenas no cinema são fundidos em uma unidade real todos os elementos isolados do espetáculo, inseparáveis no alvorecer da cultura, e que o teatro durante séculos lutou em vão para amalgamar novamente. Aqui existe unidade real. [...] É a unidade do homem com o espaço.

Talvez, a síntese a que Eisenstein se refere represente o que entendemos por diálogo interdisciplinar, conceito a que a escola contemporânea tem tentado levar para as práticas pedagógicas em sala de aula. Reconhecer o jogo de "intencionalidades" constituído pela relação entre as diversas linguagens artísticas

promove uma apreensão mais significativa dos sentidos históricos e ideológicos dessas linguagens.

O estudo de adaptações cinematográficas, tendo a literatura como obra de base, é importante em vários aspectos e pode ser aplicado a várias áreas de conhecimento nas Ciências Humanas. Podemos pensar na importância desse diálogo nos trabalhos de educação, no que diz respeito ao despertar do prazer da leitura e a formação do raciocínio crítico e da produção textual diante do ensino que valoriza a relação entre diversos gêneros discursivos. É aberta ainda uma possibilidade para a reflexão sócio-histórica, que reconhece o contexto de instauração do cinema e da literatura e percebe as relações de julgamento de valor, ideologias e jogos de poder envolvidos em cada momento. Há várias possibilidades, o importante é percebermos como a relação de diálogo entre cinema e literatura ocorre, em diversos casos, e suas implicações para nosso aprimoramento acadêmico e pessoal. Pensar na produção dos sentidos que é estabelecida no diálogo entre as duas artes é reconhecer o comportamento da sociedade em que estamos inseridos e os benefícios e malefícios que a permeiam.

• 2.1 **Literatura e cinema: adaptação**

A literatura e o cinema são dois campos artísticos que têm realizado uma relação ampla de mútua contribuição. Podemos perceber que muitos estudos aplicados à literatura têm sua abrangência estendida ao cinema, principalmente sobre personagens, assim como também é notável a assimilação de termos cinematográficos por parte da literatura, como *flash-back*, narrador-câmera etc. Ao falarmos em adaptação cinematográfica de obras literárias, é importante termos a clara noção de que não há nenhuma obra de arte que surge a serviço de outra. Portanto, visões preconceituosas sobre as motivações que levam a esse processo de adaptação devem ser abandonadas. A ideia de fidelidade, por si só já é descabida e incoerente (MOURA, 2007). Se os mecanismos de realização do cinema são outros, é impossível propor a fidelidade.

Existem equivalências e diferenças, formas de apresentação e representação, que podem se aproximar em determinados momentos, mas que se distanciam em outros, por razões estruturais durante a efetivação dos projetos artísticos. Sendo assim, passamos à descrição e análise dos resultados dessa investigação, realizada com turmas de oitavos e nonos anos do Ensino Fundamental no Cepae/UFG, acerca da relação interdiscursiva entre cinema e literatura. Esta é uma das ações do projeto de pesquisa *Leitura literária e formação de leitor na escolarização básica*.

3.0 Literatura: o teatro de Shakespeare; Cinema: *Romeu e Julieta* revisitados

A proposta que ora apresentamos buscou identificar como se dá a aceitação, por parte de alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental, acerca de obras clássicas como *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, bem como as películas cinematográficas homônimas, dirigidas por Franco Zeffirelli em 1968 e Baz Luhrmann, em 1996. A metodologia que seguimos teve por objetivo levar os alunos à leitura das obras em questão. Buscávamos observar também como a adaptação da obra literária para o cinema poderia interferir na compreensão da obra literária por parte do leitor escolar. Todo o clima criado em torno da leitura/apreciação das

referidas obras teve por objetivo "seduzir" os jovens leitores que ali se encontravam.

A escolha de *Romeu e Julieta* como um clássico da literatura universal pareceu-nos acertada, uma vez que é uma história que há séculos povoa o imaginário cultural, sendo muitíssimas vezes citada, direta ou indiretamente. A linguagem teatral muito se aproxima do cinema porque ambas têm no diálogo o ponto de contato com o público. Especialmente, o tom trágico das obras suscita nos leitores a piedade e a identificação com personagens ilibados, o que contribui para tornar a peça teatral próxima dos leitores iniciantes.

A trama de *Romeu e Julieta* corrobora para a aceitação dos alunos-leitores, já que são pré-adolescentes, ávidos por entender os primeiros indícios do Amor, ainda mais de um amor impossível, em que se desvela a vontade do Destino, instaurando o trágico, o que torna a trama muito mais atraente ao público de qualquer geração. Não só isso, o jogo de emoções conflitantes, o ódio e o amor, a tragédia e os traços de comédia, são ingredientes que atraem muito o olhar do leitor iniciante.

A releitura de *Romeu e Julieta*, pelo cinema contemporâneo, permitiu aos nossos leitores estabelecerem um contraponto entre as linguagens teatral e a cinematográfica, no sentido de identificar onde uma inicia e a outra termina, ou em que momento elas se unem transformando o objeto estético. O tom da originalidade de William Shakespeare como escritor é ressaltado com a tragédia *Romeu e Julieta* (1591-1595). O enredo da peça, que gira em torno do ódio entre as famílias Montecchio e Capuletto, deixou nossos alunos fascinados pelo modo como se desenvolve a narrativa, que culmina com a morte dos dois protagonistas.

As atividades desenvolvidas detiveram-se, na leitura do texto teatral e nas considerações que foram feitas em sala de aula. Esses são muito ricos, pois despertam a atenção dos leitores para a constituição dos gêneros abordados, bem como a organização lexical e estilística e, principalmente, salientam os conflitos existenciais vividos pelas personagens. Em seguida, os alunos assistiram às duas adaptações cinematográficas. É importante ressaltar que nos comentários feitos pelos alunos, alguns elementos da composição das linguagens literária e cinematográfica surgem como uma primeira tentativa de reflexão crítica sobre a interdiscursividade das referidas linguagens. Os alunos, ao se referirem às adaptações de *Romeu e Julieta*, disseram preferir a versão de Zefirelli, por "retratar mais fielmente" o texto de Shakespeare.

Essa constatação nos surpreendeu, uma vez que, como professores, julgávamos que a linguagem contemporânea do filme de Baz Luhrmann, semelhante a gêneros imagéticos como o vídeo-clip, teria a preferência de nossos alunos. Mesmo diante da presença de atores de Hollywood como Leonardo di Caprio e Claire Danes ou de uma série de tomadas aceleradas ou mesmo da exuberância das cenas de violência, ilustradas pelo combate entre Mercúcio-Tebaldo-Romeu, ainda assim a fascinação de nossos alunos-leitores recaiu sobre o filme de Zefirelli por retratar, segundo eles, "mais fielmente" o texto de Shakespeare. Na verdade, a versão cinematográfica de Baz Luhrmann não desagradou. O que há, segundo os alunos, é uma "quebra do tom romântico", de certa forma ingênuo, percebido no texto de Shakespeare e na versão do filme de Zefirelli.

Outra cena que marca muito o espectador de *Romeu e Julieta*, de Zefirelli, é a cena em que os olhos de Julieta são colocados em primeiro plano. Os olhos tomam conta da tela. É um recurso que convida o espectador a compreender, segundo o ponto de vista do cineasta, como o amor nasce entre Julieta e Romeu, tanto quanto a peça expressa pelo diálogo entre as duas personagens:

Romeu: Se minha mão profana o relicário, em remissão aceito a penitência: meu lábio, **peregrino** solitário, demonstrará, com sobra, reverência. **Julieta:** Ofendeis vossa mão, bom **peregrino**, que se mostrou devota e reverente. Nas mãos dos **santos** pega o paladino. Esse é o beijo mais **santo** e conveniente. (Ato I, Cena V).

Talvez seja esse o fascínio que tanto o texto de William Shakespeare causa quanto suas releituras para o cinema. É um encantamento contínuo que somente o clássico pode produzir. No filme de Zefirelli, todos os elementos visuais contribuem esse fascínio: o movimento das câmeras, os *close-ups*, a trilha sonora, o paradoxo, evidenciando a oposição entre dia e noite, céu, estrelas e o surgimento do Sol com o alvorecer, revelando a impossibilidade daquele amor se realizar. No entanto, amor é luz. Julieta é o próprio Sol e Romeu como a luz do dia. Por fim, esse amor se rende à tensão moral existente entre as duas famílias e o dia torna-se brumoso, dando indícios do desfecho trágico dos dois amantes, característico das tragédias clássicas.

A atualização da história de *Romeu e Julieta* mediante a releitura cinematográfica demonstra que "a adaptação deve dialogar não só com o texto original, mas também com seu contexto, [inclusive] atualizando o livro, mesmo quando o objetivo é a identificação com os valores neles expressos" (XAVIER, 2003, p. 62). A seguir, apresentamos alguns resultados de uma outra investigação de nosso projeto, a partir das obras de Eurípedes e Pasolini, sobre a peça *Medéia*.

3.1 *Medéia* - clássico e contemporâneo

A indicação do livro *Medéia*, de Eurípedes, para alunos de nono ano do Ensino Fundamental (idade entre doze e quinze anos) é uma proposta importante para o contato com a literatura clássica. No entanto, é necessário evitar que haja um grande distanciamento entre o jovem leitor e a obra a ser lida. A leitura da obra, feita pelos alunos, encontrou os mesmos obstáculos que poderíamos ver em alunos de outras instituições, como por exemplo, a percepção de uma linguagem constituída de termos arcaicos e não usuais em nossa sociedade. De qualquer forma, a temática foi o ponto-chave para que os alunos pudessem se sentir atraídos e, ao perceberem que muitos conflitos evidenciados por Eurípedes em sua obra eram semelhantes àqueles encontrados na sociedade contemporânea, houve a primeira e importante aproximação.

Segundo PETRUCCI (1999) existem "escolhas anárquicas" que acontecem não por força da tradição e/ou dogmas, mas sim pela experiência livre de contato com a leitura, independentemente de ser caracterizada como literária ou não. A universalidade da tragédia de Eurípedes se torna clara nesse ponto. A identificação que o aluno faz com suas leituras não atestadas pela tradição faz com que ele perceba *Medéia* como uma personagem feminina que exterioriza várias relações sociais pertinentes ao nosso quadro atual.

O filme *Medéia*, de Pier Paolo Pasolini, foi apresentado aos alunos após terem lido o livro para que eles pudessem comparar a leitura que fizeram com a leitura que o cineasta italiano fez da tragédia grega. A obra cinematográfica inicia-se com a imagem de um centauro e de uma criança (Jasão), enquanto a obra literária se inicia com os lamentos da Ama ao pressentir o futuro ruim de *Medéia*. O tipo de montagem escolhida por Pasolini privilegia também aspectos extrínsecos à peça de Eurípedes. Enquanto no livro, a infância de Jasão e a história de vida pregressa de

Medéia são apresentadas de maneira sintética (por meio da lembrança das personagens), no filme há uma relação de causa-consequência, que se torna necessária para o produtor da obra.

Segundo Martin (2003), seria uma montagem narrativa, pois estabelece uma ordem de acontecimentos desde o nascimento de Jasão e da constituição de mulher que Medéia tem, respeitada por seu povo, até chegar nas relações cruciais que acontecem na cidade de Corinto. Isso acontece porque na obra dramática, trágica, o importante é a tensão, segundo Staiger (1997). Então, os diálogos e os espaços em que as personagens se encontram já nos remetem a esse estado de conflito desde o início da peça. O filme utiliza um processo de exibição da história semelhante ao que notamos no gênero épico (narrativo), por isso comumente chamamos textos cinematográficos de narrativas filmicas, independentemente de se associarem a poesias ou peças teatrais, por exemplo. Desse modo, a sequência filmica se preocupa com a apresentação, traço marcante do gênero épico (STAIGER, 1997).

Depois da apreciação do filme e do livro, os alunos puderam perceber melhor alguns elementos constituintes da tragédia, pois a imagem filmica evidencia certos aspectos polêmicos e discutíveis por parte dos jovens adolescentes. Um fato importante e que deve ser mencionado é que após a leitura do livro muitos alunos não identificavam na figura de Medéia uma heroína. Mesmo tendo como base a explicação de Aristóteles sobre erro trágico e outras concepções inerentes à tragédia, ficava difícil para alguns perceberem que ao matar os próprios filhos, Medéia se automorticava. Essa dificuldade é amplamente justificável pela leitura de vários textos contemporâneos, principalmente jornalísticos com os quais os alunos se deparam. Nesses escritos, pais e mães matam os filhos e ainda dissimulam a própria covardia e maldade. A catarse, função extremamente importante para Aristóteles nas peças trágicas, é redimensionada e ganha mais intensidade no filme para a leitura do jovem aluno.

Por não ter ainda a percepção ampla dos elementos da mitologia grega, fundadores da lenda que envolve Medéia e Jasão, os alunos reforçam o sentimento catártico (ARISTÓTELES, 1997) da peça ao verem o filme. A crueldade, embora velada com o uso de metáforas e metonímias em muitos momentos, acentuam o terror dos atos de Medéia e até mesmo seu sofrimento e desalento diante da situação em que se envolve. Para que os alunos tivessem oportunidade de refletir e pensar sobre a temática trabalhada no livro e no filme, foi adotada a proposta de pensar nas relações sociais, principalmente familiares e profissionais das mulheres no nosso dia a dia. Pudemos perceber que, nesse sentido, Medéia é símbolo da participação efetiva das mulheres com voz ativa no ambiente onde habitam. A comparação das obras de Eurípedes e de Pasolini com crônicas jornalísticas atuais nos fez perceber que Medéia se torna heroína pelo momento que vive e todo o contexto que a cerca, mas que o choque provocado pelo infanticídio não é modelo para seguirmos, e sim pausa para reflexão sobre relações humanas.

Uma atividade que nos ajudou bastante a fundamentar nosso debate foi a produção textual (carta do leitor) voltada para refletirmos sobre a representação da mulher na mídia contemporânea. Ao fazermos tal atividade, além de tornarmos o ambiente de sala mais lúdico, pudemos contrastar os perfis femininos encontrados com as diversas facetas que Medéia assume ao longo das duas obras artísticas. A atividade proposta aos alunos para destacarmos tópicos importantes de nossa leitura do livro e filme foi o momento que finalizou o processo de apreciação das obras filmica e literária. Além de refletirem sobre a constituição de personagens, sequência dos episódios apresentados nas duas obras, simetrias e assimetrias do processo de adaptação cinematográfica de livros literários, os alunos responderam questões

sobre a relação que eles têm com as artes em geral, sobretudo o cinema e a literatura.

• 4.0 Considerações finais

Na escola, ao se discutir a organização do texto literário, promove-se o acesso do aluno à natureza da linguagem literária. O mesmo se dá quando se entende a organização da linguagem cinematográfica. O principal objetivo de nossa experiência foi tentar entender como o leitor iniciante tem observado as várias formas de representação discursiva contemporâneas e analisar nossa prática docente no que se refere ao letramento literário e lingüístico. Pudemos perceber que embora nem todos os alunos tenham acesso a manifestações artístico-culturais fora do ambiente escolar, eles são capazes de discernir com clareza a representação do estilo peculiar dos autores, diferentes formas de leitura possíveis sobre uma determinada obra e movimento de diálogo entre vários campos de conhecimento e áreas de atuação na sociedade, ou seja, a ativação de práticas sociais de interação por meio de diversas linguagens.

• 5.0 Referências bibliográficas

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Martins Fontes: São Paulo, 2000, 421p.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio*. Brasília: MEC/Semtec, 2002.

CHARTIER, R. (ORG.) *Práticas de Leitura*. Estação Liberdade: São Paulo, 1996, 268P.

EISENSTEIN, S. *A forma do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

EURÍPEDES. *Medéia*. São Paulo: Martin Claret, 1998, 120p.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MEDÉIA. Direção: Pier Paolo Pasolini. Alemanha/França/Itália. Abril, 2005. Baseado na obra literária de Eurípedes.

MERTEN, Luiz Carlos. *Cinema: Entre a realidade e o artifício*. Porto alegre, RS: Artes e Ofícios, 2005.

MOURA, Alexssandro Ribeiro. *Lavoura Arcaica: tradução intersemiótica*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras, 2007.

PETRUCCI, A. *Ler por ler: um futuro para a leitura*. In: CHARTIER, R.; CAVALLO, G. (Org.) *História da leitura no mundo ocidental II*. São Paulo: Ática, 1999.

ROMEU E JULIETA. Direção: Baz Luhrmann. EUA: Twenty Century Fox, 1997. Baseado na obra literária homônima de William Shakespeare.

ROMEU E JULIETA. Direção: Franco Zefirelli. Itália/Inglaterra: Paramount, 1968. Baseado na obra literária homônima de William Shakespeare.

SHAKESPEARE, Willian. *Romeu e Julieta*. Porto Alegre: L&PM, 1998, 162p.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. Trad. Fernando Mascarello. São Paulo: Papyrus, 2003.

XAVIER, I. Um Cinema que "Educa" é um Cinema que [NOS] FAZ PENSAR. In: **Cinema e Educação**33(1): 13-20 jan/jun 2008.